

## Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu: memórias e narrativas de alguns agricólinos

Samuel Cabanha<sup>1</sup>  
Irani Batista de Araújo<sup>2</sup>  
Kelly Gracieli de Oliveira Winkert<sup>3</sup>

### Resumo

O texto faz uma breve análise e introduz a discussão sobre o papel do Estado no direcionamento e tendências da educação a partir da implantação do Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu, na década de 1950. O objetivo central do texto é explorar duas vertentes, a saber: uma que explora as narrativas e as memórias de alguns “agricólinos”, tendo em vista que, no centro escolar, encontra-se armazenada grande parte da história social e coletiva, e; outra que explora a história desse ambiente educacional, evidenciando a influência do Estado do Paraná na região, através da organização do sistema educativo em forma de ensino técnico agrícola que, em parte, reflete a relação entre as demandas econômicas do capital e de como as Instituições Escolares corresponderam frente a esse contexto. A metodologia seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (HO), tendo como cerne a análise de narrativas. Recorreu-se a discussões que envolvem os conceitos ligados à memória, à identidade e a relação escola-trabalho inerente ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, além de valer-se da análise de documentos oficiais e das narrativas. Dessa forma, através de uma particular interpretação, este artigo busca contribuir com aqueles que se interessam pelo conhecimento histórico, bem como serve de base para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Colégio Agrícola; Memórias; Narrativas.

### 1. Introdução

O presente artigo faz uma breve reflexão sobre a História de Foz do Iguaçu, a partir das memórias e narrativas de ex-alunos do Colégio Agrícola e, de certa forma, conta um pouco como se deu a influência do Estado do Paraná na formação da região de Foz do Iguaçu. Para isso, o artigo apresenta alguns fatos históricos ocorridos a partir do início do século XX, bem como reflexões acerca das concepções e formas de atuação do Estado, mais precisamente, da implantação das primeiras instituições de ensino. Dessa forma, este texto

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em “Sociedade Cultura e Fronteiras” (PPGSCF), UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Docente no Curso de Especialização Lato Sensu Intervenção Breve em Psicologia, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Psicólogo (CRP 08/13777), Servidor Público na Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) - Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. E-mail: [samuelpcabanha@globo.com](mailto:samuelpcabanha@globo.com)

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em “Sociedade Cultura e Fronteiras” (PPGSCF), UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Graduada em Pedagogia com Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino e em Pré-Escolar e Alfabetização. Servidora Pública na rede Estadual do Paraná. E-mail: [irany\\_52@hotmail.com](mailto:irany_52@hotmail.com)

<sup>3</sup> Aluna Especial do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em “Sociedade Cultura e Fronteiras” (PPGSCF), UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Graduada em Pedagogia pela UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Graduada em História pela Uniamérica, Foz do Iguaçu. Professora da rede municipal em Foz do Iguaçu. E-mail: [kellyg.oliveira@hotmail.com](mailto:kellyg.oliveira@hotmail.com)

traz à tona algumas narrativas e memórias submersas e, através delas, desvela lacunas na constituição da história do município, uma vez que nem tudo é abarcado pela história tradicional.

Buscando abranger essa “história vista de baixo”, a presente pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (HO). Assim, como bússola para a escrita deste artigo, seguiu-se o entendimento de Alberti (2005), que diz que a História Oral é uma “metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita” (ALBERTI, 2005, p. 1). Nesse mesmo sentido, Cabanha (2017, p. 19) aponta que “é comum em relatos de História Oral (HO) que as memórias, as narrativas e os contos sirvam para organizar e transferir experiências”. Seguindo essas pistas, a partir dos relatos orais e das fotografias inseridas no texto, buscou-se dar visibilidade e enfatizar a presença do Colégio Agrícola de/em Foz do Iguaçu, o qual é constantemente (re)significado através da memória. A história oral serve para dar visibilidade ao homem comum, como sujeito histórico e, nesse sentido, é interessante destacar a reflexão de Thompson (1992), em que o autor aponta que:

[...] a História Oral busca dar voz aos excluídos, torna-se militante [...]  
[...] a História Oral “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”, ao transformar em sujeitos o objeto de pesquisa e ao admitir vozes anônimas para a construção histórica, definindo, assim, o sentido social da História (THOMPSON, 1992, p. 44).

Portanto, observa-se que a história oral se constitui, nos dias de hoje, em um importante campo de investigação histórica, além de ser uma metodologia que permite a constituição de fontes históricas e documentais por meio do registro de testemunhos, depoimentos e narrativas. Sobre o estudo da memória, é importante considerar que todo estudo a respeito desse tema nasce de uma prática necessariamente interdisciplinar. Além disso, ao se trabalhar com história e memória, é importante estabelecer relações éticas com o que se propõe a analisar, buscando se aproximar da “verdade”, mesmo sabendo que “a posição da verdade, na História, não é a mesma daquela identificada em outros campos do conhecimento humano, mas que decorre das infinitas análises e interpretações construídas pelos investigadores para compreender o passado” (FERNANDES, 2013, p. 12).

Usando o método da HO enquanto abordagem, de forma sucinta, o artigo traz a baila o contexto histórico do porquê se viu a necessidade de implantação e institucionalização dos colégios Agrícolas no Estado do Paraná, bem como faz uma breve análise das transformações econômicas, políticas, sociais e tecnológicas naquele momento, uma vez que o colégio foi responsável pela difusão de sistemas agrícolas familiares de pequena e média propriedade

rural, assim como de sistemas produtivos agroindustriais. As informações realçadas e as ideias apontadas neste texto servem de exemplo das relações entre a demanda do capital e o Estado do Paraná, pois, através da implantação dos Colégios Agrícolas é possível perceber o direcionamento e as tendências da educação destinada aos trabalhadores na produção capitalista, ou seja, apresenta uma saída para a necessidade de qualificação profissional a partir da implantação e institucionalização destes colégios no Estado do Paraná.

Conforme aponta Vargas (2013), com o processo de mudança desencadeado pela reestruturação produtiva, no início dos anos 1970,

Verifica-se uma substantiva diminuição das fronteiras entre a produção e a ciência - conseqüentemente houve significativa alteração na concepção e execução das atividades de trabalho. Este fato cria novas perspectivas e demandas para a educação e para os processos formativos da classe trabalhadora (VARGAS, 2013, p. 06).

Assim, fica evidente como o Estado correspondeu ao contexto de exigência de qualificação do trabalhador rural frente às transformações nas relações de produção e das demandas por qualificação profissional através das instituições escolares, sendo possível observar que a educação da classe trabalhadora passou a ser um dos principais mecanismos para mediar o conflito capital/trabalho. Nesse sentido, Mészáros (2005, p. 93) foi categórico ao colocar a educação como um dos mecanismos de interiorização dos valores e das necessidades da sociedade regida sob a dialética do capital, pois “é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significadamente diferente”.

Através dessa digressão, é possível observar o papel do Estado, através dos órgãos normativos da educação, em racionalizar essa diretriz, pois este teve um papel fundamental ao atuar na criação e na oferta de uma educação voltada para um processo técnico/formativo. No livro “A Teoria da Alienação em Marx” essa ideia é bem compreendida quando Mészáros (2006, p. 274-275) afirma que “a educação tem duas funções principais numa sociedade capitalista: a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia; a formação de quadros e a elaboração de métodos para um controle político”.

A respeito da formação voltada para o ensino profissionalizante agrícola, Martiniak (2015, p. 03) aponta que “foi à demanda por trabalhadores para a agroindústria que concretizou a criação dos colégios agrícolas no Paraná”. Nesse sentido, este documento é primordial para a história local, pois, ao fazer essa discussão, desvela-se alguns elementos históricos e se constrói referenciais para a memória coletiva, a qual não é “somente uma conquista, como também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2013, p. 435). Acredita-se que este texto tem significativa relevância, uma vez que, além da perspectiva

histórica, ele trata o Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu como um lugar de memória, onde o mesmo é tido e compreendido como um monumento legitimador de rememoração e valorização do passado histórico da cidade.

Dessa forma, neste estudo não há pretensões de descrever os mínimos detalhes da história da educação, mas sim, de como surgiram as primeiras escolas e em quais contextos da história de Foz do Iguaçu apareceram cada uma das edificações escolares ora apresentadas. Ivo Oss Emer (1991), em sua pesquisa sobre o “Desenvolvimento histórico do Oeste do Paraná e a construção da Escola”, apresenta aspectos importantes sobre a gênese da construção da escola, pois caracteriza dois modelos primitivos de instrução educacional institucional: a modalidade de instrução denominada como escolarização particular domiciliar, sem escola, uma escolarização informal que, segundo o autor, era um aprendizado exercido por alguém pertencente a um grupo social estabelecido, que:

Tinha disponibilidade e condições mínimas de ensinar, sem nenhum ato oficial, sem nenhuma regulamentação [...] e, a modalidade primitiva de instrução educacional que é a casa escolar, semelhante à escolarização particular domiciliar, mas com significativas diferenças, pois era construída para ser o local da instrução e para ampliar a capacidade de atendimento (EMER, 1991, p. 214).

Para o referido autor, desde o início do povoamento da cidade, com a vinda da Colônia Militar (1889-1912), já havia uma preocupação com a escolarização por parte dos militares e funcionários do fisco. Contudo, a preocupação com a educação escolar era apenas para este grupo social, evidenciando um desejo de reprodução de suas condições sociais, como o mesmo retrata no trecho a seguir:

Esse segmento social resolveu o problema da instrução a partir de seu próprio grupo social. Essa instrução era, quantitativamente, muito restrita, e só para filhos de funcionários de postos mais importantes, na modalidade de escolarização particular domiciliar. Como essas crianças eram filhas de funcionários do governo cujo papel era exercido a partir de uma escolarização mínima, viam na instrução a possibilidade de criar condições de seus filhos galgarem, no futuro, algum posto na administração pública (EMER, 1991, p. 218).

A partir dessa perspectiva, observa-se o quão importante é considerar o conceito de totalidade, e não desconsiderar que o complexo da educação varia de acordo com as necessidades de cada organização social, em cada época histórica, e possui particularidades em cada momento histórico, inclusive, a ideia de que não é possível eliminar que a educação pode ser compreendida como um complexo que serve para a reprodução social e, na sociedade de classes sob a égide do capital, torna-se um lócus privilegiado para a reprodução das relações sociais alienadas. Porém, cabe destacar que não é possível conceber a educação

apenas como reprodução desse sistema, visto que, como aponta Tonet (2005), a educação também apresenta a possibilidade de utilização do espaço educativo para a realização de atividades que apontem para a emancipação plena do gênero humano.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender o porquê de a preocupação com a escolarização ser apenas para os filhos de funcionários considerados importantes. Não consta a existência, em Foz do Iguaçu, no período da Colônia Militar (1889-1912), de registro de alguma casa escolar que atendesse ao restante da população, pois, naquele contexto histórico, muitas foram as dificuldades com que a cidade se deparou para iniciar sua urbanização e atender à demanda escolar que surgia em quantidade significativa. Dessa forma, tornava-se inviável o acolhimento na modalidade de instrução privada domiciliar, aspecto que exigiu um posicionamento da administração municipal (EMER, 1991).

A respeito desse contexto, Dom Olívio Aurélio Fazza, em entrevista à Gazeta do Iguaçu, no dia 27/08/1993, relata que a cidade carecia de uma assistência escolar religiosa mais frequente. Segundo ele, a única assistência religiosa que recebiam até 1918 era de um padre da Província de Posadas (Argentina) e, nesse sentido, relata que em visita a cidade de Foz do Iguaçu, no ano de 1922, o Padre Guilherme Maria Thilezek gostou muito do local, o que o fez levar ao bispo de Curitiba a necessidade da fundação de uma Paróquia na cidade.

Diante desse aspecto, em 1923, o Padre Guilherme Maria Thilezek passou a lecionar, recebendo a ajuda de dois padres e um irmão de sua congregação (Padres João Progzeba, Paulo Schneider e Irmão Bianchi). Dessa forma, “em 1928, entrou em funcionamento o grupo escolar, em prédio novo, sob a direção do Monsenhor Guilherme, com a denominação Grupo Escolar Bartolomeu Mitre” (EMER, 1991, p. 221). Assim, nesse contexto, surge o primeiro Grupo Escolar na cidade de Foz do Iguaçu, que em 1930 passa para a administração do Estado, sendo o Grupo Escolar Bartolomeu Mitre o primeiro educandário estadual da cidade.

## **2. De grupo escolar a Colégio Estadual Bartolomeu Mitre**

Após o Estado assumir a responsabilidade pelo Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, a instituição recebeu o nome do então governador Caetano Munhoz da Rocha, sendo que a primeira sede do Grupo Escolar Caetano Munhoz da Rocha ficava localizado no local em que hoje se situa a Coletoria Estadual, à Rua Barão do Rio Branco, em frente à Praça Getúlio Vargas. Sobre a alteração do nome do grupo escolar Caetano Munhoz da Rocha para Bartolomeu Mitre, Emer indaga “se teria sido apenas uma inocente homenagem ao general Argentino da Tríplice Aliança?” (EMER, 1991, p. 222). Segundo as pesquisas realizadas por Denise Sbardelotto (2007), a mudança do nome Bartolomeu Mitre carece de fontes.

Em busca de maiores informações e de dados históricos, através da leitura do Projeto Político Pedagógico (2007) do colégio, evidenciou-se que consta apenas que a mudança da nomenclatura da instituição é uma homenagem ao bravo General Argentino Bartolomeu Mitre, por seu desempenho nas lutas durante a guerra chamada “Tríplice Aliança” (PPP, 2007). Conforme Sbardelotto (2007), em 1944, através do decreto n°. 282, durante o mandato do governador Manoel Ribas, foi criado, oficialmente, o Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, o primeiro estabelecimento de ensino público do Município de Foz do Iguaçu, na ocasião dirigido pela professora Ruth Sottomaior Pedroso (SBARDELOTTO, 2007, p. 61). Atualmente, por decreto da governadora Cida Borghetti (em 2018), o colégio passou por um processo de transição, sendo atualmente uma Escola Militar.

Neste sentido, fica clara a importância histórica do primeiro grupo escolar e dos primeiros colégios para o município de Foz do Iguaçu e região Oeste do Paraná, sobretudo, porque até o final da década de 1960, Foz do Iguaçu tinha uma característica rural. Ainda é necessário se levar em conta que a extensão territorial era bem maior, dado que até o dia 01 de setembro de 1950, o município era constituído de 2 distritos: Foz do Iguaçu e Cascavel, sendo que somente através da Lei Estadual n.º 790, de 14 de novembro de 1951, é que se desmembra do distrito de Cascavel. Todavia, nessa época Foz do Iguaçu tinha uma extensão territorial diferente de como se configura hoje, pois mesmo elevada à categoria de município, através da Lei Municipal n.º 99, de 31 de julho de 1953, ainda agregava os distritos de Gaúcha (ex-povoado de São Miguel do Iguaçu), Matelândia e Medianeira, os quais continuavam anexados ao município de Foz do Iguaçu.

Percebe-se que é fácil compreender o significado e a grandeza de, quando se diz, “característica rural”, que fica mais bem demonstrada através dos censos da época (IBGE)<sup>4</sup>, apresentados na tabela n°. 1, a qual demonstra o quantitativo populacional no final da década de 1950, final da década de 1960 e meados da década de 1970, cujo quadro só começa mudar quando do início da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

**Tabela n°. 1:** Quantitativo populacional de Foz do Iguaçu (Décadas de 1950 - 1960 - 1970 - IBGE)

Ano	Total	População Urbana	População Rural
1950	16.420	3.400	13.020
1960	28.080	3.830	24.250
1970	33.970	20.150	13.820

**Fonte:** Censo Demográfico, IBGE 1950 e 1960 e 1970.

<sup>4</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 07 Mai. 2020.

A partir da tabela acima mencionada, fica evidente a mudança significativa entre a população rural e urbana, nas décadas apresentadas, donde se percebe que em 1960 a população do campo era quase o dobro das demais décadas apresentadas.

## **2.1 O colégio Agrícola de Foz do Iguaçu**

Nesse contexto, no ano de 1950, o Colégio Agrícola inicia suas atividades, sendo que, naquela época, localizava-se em uma área totalmente rural, e, por esta razão, recebeu a denominação de “Escola dos Trabalhadores Rurais”. No entanto, atualmente, sua localização é considerada zona urbana da cidade. O Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu se localiza na região Sul, na Avenida General Meira, 391 – Jardim Eldorado – bairro considerado, pela localização, como integrante da região conhecida como Porto Meira, uma região de relevância na história do município por sua proximidade com o Rio Iguaçu. Essa mesma região foi um dos locais escolhidos para a instalação da Colônia Militar, que tinha por objetivo manter a soberania brasileira e proteger a região de argentinos e paraguaios. Mais tarde, a circunvizinhança serviu para a travessia de balsa entre Brasil e Argentina, movimento que durou até a inauguração da Ponte Tancredo Neves, em 1985.

A carência de mão de obra qualificada para trabalhar na agricultura, bem como a imensidão de terras para cultivar, foram alguns dos elementos que caracterizavam a região como rural. Em informações apresentadas no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015), consta que o Colégio Agrícola foi criado pelo Decreto n°. 9.553, de 12 de junho de 1953, com a denominação de “Escola dos Trabalhadores Rurais Dr. Ernesto Luiz de Oliveira”. A partir de 1962, pelo decreto n°. 7.504, passou a se denominar “Escola dos Trabalhadores Rurais Manoel Moreira Pena”. Durante a sua trajetória, o educandário passou por várias modificações relacionadas à nomenclatura e a oferta de ensino.

Alguns momentos históricos são relevantes para compreender a trajetória da instituição que “supriu” as necessidades da região e o processo histórico da própria História da Educação brasileira. Conforme o Projeto Político Pedagógico (2015), entre os anos de 1956 e 1963, a instituição passou a oferecer o ensino primário. Mesmo ano em que começou a extinção do curso primário, iniciando, então, o pré-ginasial. Tempos depois, em 1969, foi oferecido o curso vocacional de economia doméstica. Em 1973, iniciou o 2º grau, com oferta das habilitações de Técnico em Agropecuária e Magistério, principiando, a partir de então, a extinção do ginásio.

**Imagem n° 1:** Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu em construção no ano de 1950.



**Fonte:** Arquivos da biblioteca do Colégio Agrícola/ Foz do Iguaçu.

Assim, por meio do Decreto n°. 5.714/78, a terminologia passa a ser “Colégio Manoel Moreira Pena – ensino de 2º grau”. Pelo Parecer n°. 071/83, a instituição recupera a identidade de Ensino Agrícola, recebendo a nomenclatura de “Colégio Agrícola Estadual Manoel Moreira Pena – ensino de 2º grau”. Contudo, resolveu-se retirar o curso de magistério que, em 1985, foi transferido para o Colégio Estadual Barão do Rio Branco, onde permanece até os dias atuais. A partir de 1996, o local passa novamente por alterações com a extinção da oferta de habilitação de Técnico em Agropecuária, dando início, em 1998, a capacitações em nível pós-médio. No período de 2000/2001, o colégio começa a ofertar o ensino médio e extingue os cursos pós-médios com especialização. Atualmente, a instituição usa a nomenclatura de “Centro Estadual de Educação Profissional Manoel Moreira Pena”, ofertando os seguintes cursos: Técnico em Agropecuária – integral e integrado ao ensino médio; e, na modalidade subsequente, Técnico em Turismo Guia Regional, Técnico em Meio Ambiente e Técnico em Química.

No que se refere à escola tradicional de Foz do Iguaçu, pode-se classificá-la como uma instituição reconhecida por contribuir, na região, com o ensino profissional, especificamente, na expansão de agropecuária e turismo. A edificação está entre as mais antigas da cidade e preserva em sua arquitetura parte do estilo clássico neocolonial da época de sua construção. O suntuoso e resistente imóvel escolar possui em sua área de cultivo uma extensão de 70 hectares (no momento de fundação contava com uma extensão valiosa de hectares), somados ao rebanho de animais e toda a sua estrutura agrícola, o que legitima o local como um verdadeiro canteiro de interesse histórico/social, empenho que não se limita apenas a este artigo, mas a toda a comunidade. Neste sentido, há na cidade um conselho municipal de patrimônio cultural e outras entidades que reivindicam políticas públicas que possibilitem o tombamento de prédios históricos, como a edificação do Colégio Agrícola (PPP, 2015).

Contudo, o Colégio Agrícola foi perdendo parte de seu território devido ao avanço urbano e a ações governamentais, fatores que contribuíram para a engrenagem de problemas no que diz respeito à manutenção da instituição. A arquitetura inicial permanece intacta, mas com o aumento da demanda de alunos, que passam a semana no educandário, precisou de reformas e ampliações ao longo dos anos. Desde a sua inauguração, em 1953, até o ano de 2019, a instituição passou por 27 governos estaduais diferentes, e que muita luta foi travada para mantê-lo com a característica de escola rural no espaço urbano.

### **3. Trajetória e memória de alguns agricólinos**

No primeiro contato com a instituição, fez-se a solicitação formal para a realização da pesquisa. Com a autorização concedida, e após uma rápida circulação pelo ambiente administrativo, localizou-se uma fonte imagética considerada muito importante: um *banner* com a galeria de todos os ex-diretores da instituição. Desta forma, percebeu-se a possibilidade de se realizar entrevistas orais com alguns destes e, a partir dessa ideia, com o apoio da equipe pedagógica e administrativa atual, buscou-se entrar em contato com alguns dos ex-diretores, a fim de ver quais estariam disponíveis para contribuir com as narrativas.

Cabe dizer que o interesse pela escuta dos ex-diretores se deu, sobretudo, porque eles podem ser compreendidos como guardiães da memória, ou seja, como aqueles que, como um guardião ou um mediador, podem ser considerados “narradores privilegiados” da história do grupo a que pertencem. Um dos primeiros narradores foi o ex-diretor Mário Manoel Laurindo<sup>5</sup>, que iniciou como aluno da instituição na década de 1950, ou seja, logo após a sua inauguração, depois foi professor, supervisor e diretor por duas gestões. Conheceu, pessoalmente, o já falecido Sr. Manoel Moreira Pena, que foi o segundo diretor do colégio e que, devido à importância da sua atuação na escola agrícola, bem como nas demais instituições agrícolas do Paraná, foi homenageado com o nome da instituição.

Aponta o Sr. Mario que conviveu, por um significativo período, com o patrono da instituição, pois estudou com seu filho, o Sr. Clóvis Manoel Pena, que também foi aluno e diretor da instituição, dessa forma, a importância do colégio Agrícola pode ser percebida a partir da maneira como os entrevistados remetem a suas memórias ao lugar. O Sr. Mário Manoel Laurindo se aposentou, compulsoriamente, em 2018, aos 72 anos, atuando na instituição como docente da disciplina de construções rurais. Atualmente, permanece lecionando no curso de agronomia de uma faculdade privada da cidade.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em Foz do Iguaçu, no dia 23 de Setembro de 2019.

De acordo com as memórias do declarante, os alunos precisavam ter entre 9/10 anos de idade para ingressarem na instituição, não poderiam ser muito novos, pois o sistema era de internato e as crianças precisavam ter certa independência. Todavia, o entrevistado menciona que naquele tempo tinham poucas pessoas para cuidar das crianças, e elas ajudavam a cuidar da escola e dos animais também. Naquela época,

A criança cuidava de toda a escola. Tinha horta, tinha suínos, bovinos, tinha coelho, tinha galinha. Toda essa bicharada a gente, os maiores ajudavam a cortar lenha com cerrote manual, porque o fogão era a lenha. Então a gente fazia todo o serviço da escola. Limpava vasilhas, ajeitava. Tinham pouquíssimos funcionários, para a limpeza tinha 2, 3 mulheres para limpar toda a escola e o resto era a gente que fazia<sup>6</sup>.

As memórias de ex-aluno destacam o papel que as crianças tinham na manutenção da própria escola. Sr. Laurindo reforça que, mesmo que não tenham oferecido uma educação agrícola, como apontada na citação anterior, havia uma relação com o papel que a escola representava, ou seja, era um educandário para filhos de agricultores. Indica, também, uma percepção da corresponsabilidade dos estudantes em manter parte do ambiente escolar, como prover cuidados com os animais, espaços e limpeza. Nessa perspectiva, Gaudêncio Frigotto (2010, p. 54-55) entende que o indivíduo sob o prisma da produção “é uma combinação de trabalho físico e educação ou treinamento”, ou seja, a educação, por sua vez, passa a ser uma espécie de destreza para aumentar a produção do Estado, descrita pelo autor como marginal: tanto a escolaridade, quanto a produtividade.

Sem precisar discorrer sobre a temática da produção, é preciso entender como se deu a inserção do Sr. Laurindo no colégio Agrícola. Ele relata que quando colonizaram a região, na década de 1950, era tudo mato; que havia na comarca várias colonizadoras e quem desejasse um pedaço de terra para se propagar, pagava por ela. Nessa mesma época, surgia a denominada Teoria do Capital Humano, que se estende de 1950 a 1960, e estava vinculada a uma certeza dos economistas burgueses de que “não pode existir desenvolvimento econômico sem um consequente desenvolvimento do mercado de trabalho” (LOMBARDI; SAVIANI; SANFELICE, 2002, p. 54). Até então, sem se dar conta do processo capitalista, o entrevistado descreve de maneira simplificada as condições nas quais a família veio para Foz do Iguaçu:

Naquela época, meu pai veio para cá, um dos primeiros moradores. Então, a gente se instalou no meio do mato e nossos vizinhos mais próximos eram os paraguaios. Então, meu pai descobriu isso aqui (Colégio Agrícola) e colocou nós aqui. Todos nós estudamos aqui. Somos 10 irmãos homens e os 10 estudaram aqui<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

<sup>7</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

Neste sentido, é notória a predominância do gênero masculino na família do declarante, como também, que somente meninos ingressavam no colégio, principalmente, porque no sistema de internato as crianças ficavam “abrigadas” longe de suas famílias, as quais só viam novamente nas férias, devido à distância e ao meio de transporte usado pelos pais que, em sua maioria, eram carroças. Para o entrevistado, a distância da família se tornava a parte mais triste. E complementa:

A gente ficava três meses longe da mãe, ela morava a 20 km. Não tinha como ir a pé no fim do mundo, era cheio mato. Eu lembro que o pai buscava a gente de carroça com a mãe, uma vez ou outra, porque ela tinha 12 filhos e tinha que ficar cuidando... Eu chorava de saudade da mãe no começo<sup>8</sup>.

A partir das declarações de sua infância, é possível observar que na família do Sr. Laurindo existia um vínculo afetivo sólido e que os filhos seguiam as orientações dos pais no que se refere a ter um futuro “garantido”, pois, devido à condição financeira de baixa renda, estudar seria uma oportunidade de melhorar a vida de todos. O declarante destaca, ainda, que no início, nas décadas de 1950/1960, não havia ginásio (ensino fundamental II) no colégio Agrícola de Foz do Iguaçu e que, por este motivo, ele e os irmãos tiveram que se descolar à Rio Negro/PR, para concluírem o ginásio. Segundo o entrevistado, quem contou ao seu pai sobre a existência do colégio foi o patrono do Agrícola, pois além de ter sido uma referência para os demais colégios Agrícolas do Paraná, foi, em especial, para o de Foz do Iguaçu, que foi homenageado com seu nome. De acordo com o Sr. Laurindo,

O falecido Manoel Moreira Pena convenceu meu pai a levar nós para Rio Negro/PR e lá tinha Ginásio Agrícola, que aqui (Colégio Agrícola de Foz) não tinha. Lá de casa foi o pai, levou uma turma de criança... Ele levou a gente para Palmeiras, mas Palmeiras já tinha acontecido o exame (de ingresso). E de lá a gente pegou um trem e foi para Rio Negro<sup>9</sup>.

As declarações do entrevistado reforçam o vínculo familiar, bem como, o fato de que a família do Sr. Manoel Moreira Pena o ajudou a seguir com os estudos. É possível avançar com as recordações do declarante, que ressalta a estima da cooperação recebida, pois sem a mesma, talvez não tivesse concluído o ginásio agrícola em Rio Negro. Após a conclusão do ginásio e o 2º grau como Técnico Agrícola, poderia trabalhar e lecionar na área, pois, conforme o Sr. Laurindo, naquele período, quem possuía segundo grau (ensino médio atual) era considerado Doutor na cidade, uma vez que poucos tinham condições de concluir os

<sup>8</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

<sup>9</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

estudos nas décadas de 1960/1970. E complementa: “eu fui da 1ª turma de técnicos (agrícola) e depois fiz faculdade, tudo na parte agrícola”<sup>10</sup>.

Alguns tempo depois, descreve que estava morando e trabalhando em Realeza/PR, já formado em Ciências Agrárias pela Faculdade de Guarapuava, quando o Sr. Clóvis Manoel Pena<sup>11</sup>, filho de Manoel Moreira Pena, resolveu assumir a direção do colégio Agrícola de Foz, e como diretor o convidou para trabalhar na instituição, onde permaneceu por cerca de 44 anos até se aposentar. Uma consideração que se torna necessária é a de que “cada geração posterior receba uma espécie de herança material e espiritual do capital, isto é, forças produtivas” (ANTUNES, 2012, p. 76). Como bem observado na instituição, até os dias atuais, a maioria dos filhos de agricultores (ex-alunos) segue a trajetória dos pais, estudando nos colégios agrícolas, perpetuando as forças produtivas adquiridas por gerações anteriores, que servirão de matéria-prima para novas produções, que têm como objetivo criar, na história da humanidade, uma história permeada de alienação.

De maneira um tanto simplificada, segue-se com o processo de entrevistas com o Sr. Adilson José Brisch<sup>12</sup> que narrou, brevemente, a trajetória de sua vida, relacionando quase que toda ao colégio Agrícola: “fui apresentado ao colégio por um tio que estudou aqui em 1988. Ele foi até o município em que eu morava, Capanema/PR, e aí falou muito bem desse colégio para o meu pai e acabei vindo para cá e estou até hoje” (BRISCH, 2019). Declarações que reforçam o apreço de familiares pela instituição de ensino, mesmo que alguns não sigam a formação iniciada na área agrícola e/ou pecuária.

Em decorrência da distância entre Capanema e Foz (cerca de 3 horas e 30 minutos), ao ingressar no colégio, em 1989, o Sr. Brisch descreve que as estradas eram precárias e o tempo para chegar até o município era, talvez, o dobro, aspecto que contribuiu para que o mesmo viesse estudar e morar no sistema de internato. Naquela época, era ofertado somente o 2º grau (equivalente ao ensino médio) e, de acordo com o declarante, o processo para ingressar no colégio não era fácil, havia um tipo de teste em que o candidato deveria passar para garantir a sua vaga na instituição. Sobre o teste, Sr. Brisch delinea que:

Tinha que fazer uma prova para entrar e ainda tem né? Na verdade, era uma seleção. A gente ficava aqui 3 dias de novembro a dezembro. O primeiro teste era de português e redação. O segundo teste era de matemática e algo...No terceiro era prática de campo, que colocavam a gente para capinar lá bem no meio do mato, bem para o cara desistir... era bem concorrido<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

<sup>11</sup> Entrevista do senhor Clóvis concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 28 de setembro de 2019.

<sup>12</sup> Entrevista do senhor Brisch concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 30 de setembro de 2019.

<sup>13</sup> Entrevista do senhor Brisch concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 30 de setembro de 2019.

Atualmente, ainda existe seleção para ingressar no colégio, entretanto, não há exame prático como na época, bem como já há o gênero feminino em regime de internato, mesmo que em número reduzido em relação aos meninos: são dois internatos masculinos e um feminino. Brisch ressalta que as vagas disponibilizadas em regime de internato eram 100% para o gênero masculino. As meninas, quando selecionadas, moravam na cidade e poderiam se deslocar até a unidade escolar sem o problema da distância. Esta questão remete à característica do período, no qual as mulheres, dificilmente, ocupavam espaços e profissões que eram reconhecidas, socialmente, como masculinas. O entrevistado reforça essa questão quando afirma que “primeiro em questão de gênero era só piá. Tinha só menino e no máximo duas meninas por turma e eram da cidade...” (BRISCH, 2019).

O declarante destaca, ainda, que, atualmente, a seleção para ingresso na instituição é diferente, segue outros critérios nos quais são priorizadas as questões sócio/econômicas dos candidatos: “O critério para seleção é para os mais pobres, que vêm de colégio público, com melhores notas em português e matemática, moram em área rural e uma entrevista...” (BRISCH, 2019). Enfatiza que a concorrência de ingresso no colégio tem diminuído muito, mas ainda é significativa. Segundo ele, um dos aspectos que contribuiu para este fato é a mudança dentro das próprias famílias, uma vez que, em sua percepção, “antes as pessoas tinham mais filhos, hoje tem um filho, no máximo dois. Naquela época tinham 8/10 filhos. E traziam tudo para cá. Aonde os mais velhos iam os mais novos também vinham” (BRISCH, 2019).

As observações proferidas demonstra que é um fato da sociedade moderna, pois, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira continuará crescendo até 2060, e que 25,5% desse público terá mais de 65 anos, o que reflete nas taxas de fecundidade que, atualmente, é de 1,77 filho por mulher. O órgão prevê que, em 2060, o número médio deverá chegar a 1,66<sup>14</sup>. No que se refere ao ingresso do Sr. Brisch ao colégio, ele descreve que chegou com 14 anos e narra sua trajetória de estudos e de continuidade dentro da instituição de maneira breve e sucinta:

Vim em 1989, estudei por 3 anos até 1991, saí em 1992 porque eu era menor e não tinha nem idade para trabalhar. Aí em 1993 eu vim fazer um teste seletivo para trabalhar aqui em processo de seleção para técnico Agrícola. Aí eu fiquei em 3º e chamaram 2 e em 1994 no ano seguinte me chamaram. Em 2004, fiz o concurso para agente educacional e em janeiro de 2006 a gente tomou posse<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>

<sup>15</sup> Entrevista do senhor Brisch concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 30 de setembro de 2019.

Sua narrativa demonstra, de certa maneira, que tinha pretensão em seguir com sua carreira profissional na instituição em que estudou, tanto que destaca um tempo, da década de 1990, em que não havia obrigatoriedade de formação superior para ser docente no curso de Técnico Agrícola, o que lhe possibilitou ser professor no colégio, considerando que “em 1996... 95, 96, 97 era permitido o não licenciado em Técnico Agrícola dar aula e eu dei aula de construções e instalações rurais para o 3º ano” (BRISCH, 2019). Neste sentido, após um determinado período, o entrevistado, além da formação como Técnico Agrícola, sentiu a necessidade de mais conhecimento e procurou novas formações, como relata: “eu fiz Gestão Financeira, em nível médio também e, além disso, o curso de Gestão Escolar e Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino e Gestão Escolar” (BRISCH, 2019).

É possível inferir que mesmo não exercendo a função de técnico agrícola, Brisch considera que o curso foi o mais importante para a sua carreira dentro do colégio Agrícola e que, apesar de ter realizado outras formações, expõe que “a base foi o Técnico Agrícola aqui mesmo. O resto só agregou. É igual o tronco de árvore, o tronco é o colégio Agrícola e o resto são os galhos” (BRISCH, 2019). Sob o mesmo ponto de vista, há uma característica bastante peculiar entre os entrevistados e seus relatos: a maioria dos ex-professores e ex-diretores estudou no colégio Agrícola, ou seja, também foram alunos da instituição. Os mais antigos, ainda como alunos do sistema primário, e os mais novos, como formados em nível médio, como técnico em Agropecuária. E, similarmente, muitos se encaminharam para uma formação superior em outras instituições de ensino, até mesmo em outras cidades do Paraná e/ou outros Estados.

Esse é o caso do entrevistado Sr. Clóvis Manoel Pena<sup>16</sup>, que relata sua trajetória educacional, isto é, como culminou de aluno do primário a diretor do colégio Agrícola. O Sr. Clóvis, que possui formação superior em medicina veterinária na Universidade Federal do Paraná (UFPR), aponta que fez

(...) o curso primário inicialmente na Escola Olegário Macedo, de Castro - PR onde meu pai Manoel Moreira Pena era diretor e minha mãe Maria Josepha Pena era professora. Depois meu pai foi transferido para dirigir a Escola de Trabalhadores Rurais Ernesto Luiz de Oliveira de Foz do Iguaçu, onde concluí meu curso primário. O curso ginásial eu fui cursar no Ginásio Agrícola Lysimaco Ferreira da Costa no município de Rio Negro, Paraná. Depois disto fui para o município de Ponta Grossa - PR onde fiz o curso de técnico em agropecuária no Colégio Agrícola Augusto Ribas. Então, em 1969 ingressei por concurso vestibular na Universidade Federal do Paraná para o curso de graduação em Medicina Veterinária. Tempos mais tarde, iniciei minha carreira profissional como diretor do Ginásio Agrícola "Manoel Moreira Pena" em 1972... além de outras atividades e cursos de especialização,

---

<sup>16</sup> Entrevista do senhor Clóvis concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 28 de setembro de 2019.

Percebe-se que, em alguns momentos, as memórias descritas pelos declarantes apresentam similaridade, embora em tempos distintos da vida de cada um. Observação essa que alimenta a segurança no sentido de que as descrições são reais e merecem ser publicadas para que o patrimônio da instituição seja preservado e conhecido pelas futuras gerações. Com o propósito de reconstruir a história da Escola de Trabalhadores Rurais – Ernesto Luiz de Oliveira - que foi o primeiro nome recebido pelo Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu, no próximo subtítulo, compreender-se-á, através das entrevistas, o motivo da mudança da denominação para Manoel Moreira Pena, entre outros acontecimentos importantes que reconstituem a história da instituição.

### **3.1 A reconstituição da história do colégio agrícola através das memórias dos entrevistados**

Primeiramente, é indispensável reforçar que o Sr. Laurindo, o mais velho dos entrevistados (atualmente com 73 anos), foi o que mais contribuiu com a reconstituição histórica do colégio Agrícola – sem desmerecer aos demais participantes, no tocante às memórias do espaço escolar, considerando que todos os entrevistados foram de suma importância e de valor imensurável para a pesquisa. Contudo, destaca-se o Sr. Laurindo por dois motivos: pela idade com lucidez e vivacidade, tendo, praticamente, o mesmo tempo de existência do colégio; e pela riqueza de detalhes que narra em suas memórias.

Desse modo, a partir das memórias do Sr. Laurindo, procurou-se originalidade no que foi descrito, não havendo inquietação em confrontar a veracidade das mesmas com documentos, mas sim em expor a riqueza de detalhes que suas memórias ocasionavam. No decorrer da reconstituição da história do colégio Agrícola, tentar-se-á estabelecer uma ordem cronológica das lembranças descritas. Como já explicitado, através dos relatos e do decreto mencionado no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015), o colégio Agrícola foi fundado em 12 de junho de 1953.

No período de formação, o território do colégio Agrícola era muito extenso, a ponto de não haver registro documentado, mas se estima que era cerca de 400/500 hectares<sup>18</sup>. Com o avanço urbano, os donos das chácaras no entorno do espaço escolar foram se desfazendo de suas propriedades para morarem na zona urbana da cidade. A partir dessas ações, a instituição foi perdendo o ambiente considerado rural e, atualmente, conta com pouco mais de 70

---

<sup>17</sup> Entrevista do senhor Clóvis concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 28 de setembro de 2019.

<sup>18</sup> Memória do diretor geral, senhor Rogério João Brekailo.

hectares para desenvolver suas atividades práticas com os alunos do Técnico em Agropecuária, relacionadas ao plantio e experimentos de algumas culturas, como também, a criação de animais de pequeno, médio e grande porte.

Segundo o entrevistado, Sr. Laurindo, a parte territorial do colégio chegava até a beirada do Rio Paraná (atual Vila Shalon) e terminava no atual bairro Ouro Verde, adjacências que pertencem à região do grande Porto Meira. De acordo com o Sr. Laurindo, a escolha da localização para a escola rural, na época, foi por se tratar de uma localização da cidade considerada “menos habitável” e porque era próximo da área central e, na ocasião, foram abertas estradas que passavam pelo colégio e que conduziam para pontos importantes da cidade. O entrevistado comenta, ainda, que:

Aqui era meio perto da cidade... Abriam esse ‘calçamentozinho’ na estradinha do lado da Prefeitura, do lado daquele Hotel Cassino, passava do lado da prefeitura em frente à Igreja Matriz, descia no Boicy e vinha aqui. Descia nessa Rua Imigrantes – aqui era uma rua de 2 metros de largura e calçamento até as Cataratas...Aí tinha esse local que era mais visitável e era maior a cidade para cá porque o acesso para Foz era pela estrada Velha de Guarapuava, atualmente denominada Avenida Felipe Wandscher<sup>19</sup>.

Levando-se em consideração os aspectos apresentados pelo entrevistado, é necessário mencionar que a fundação do colégio Agrícola, ou melhor, dos colégios Agrícolas do Paraná, foi um projeto elaborado no governo do Sr. Manuel Ribas (1932 – 1945) e complementa que “ele criou essas escolas para essas crianças que não tinham onde morar, sem pais. Então, já aprendiam a trabalhar na roça e quando eles terminavam o primário poderiam ser um operário agrícola” (LAURINDO, 2019).

É possível inferir que existia uma preocupação com as crianças desamparadas e/ou mais desprovidas por parte do governo estadual, pois, de acordo com o Sr. Laurindo, em meados dos anos 40, quando fizeram estes colégios, provavelmente, pensaram em uma maneira de abrigar todos os que deles fizessem parte e, talvez por esta razão, eram conhecidos como abrigos e os alunos passaram a ser chamados de “abrigueiros”. Foram os primeiros acolhimentos de menores nos quais aprendiam atividade agrícola e, muitos deles, iam ficando e se tornavam funcionários, como pontua o Sr. Laurindo (2019), “tiravam eles da cidade e colocavam lá, para você ter uma ideia os primeiros funcionários eram 5/6 ‘abrigueiros’ que cresceram, vieram trabalhar e muitas dessas escolas as crianças foram ficando até se tornarem adultos”.

---

<sup>19</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

Ao analisar os apontamentos do entrevistado, constatou-se que os colégios agrícolas passaram por mais de um processo de mudança para se tornarem uma instituição com ensino de qualidade, reconhecida em todo país. Para tanto, foi necessário acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade em geral, principalmente, no que diz respeito ao mundo do trabalho na sociedade atual. E, para entender melhor essa cronologia, recorre-se às memórias do Sr. Laurindo ao contar que, inicialmente, operavam como abrigos; depois se tornaram escolas rurais; ginásios; e, finalmente, técnicos agrícolas. No caso específico do apresentado, o aluno estuda o ensino médio integrado com o técnico em agropecuária, ou seja, sai da instituição com duas formações ao mesmo tempo, podendo seguir a carreira profissional que desejar, seja na área agrícola ou de medicina veterinária, para as quais a maioria segue estudando.

Retomando as recordações descritas pelo Sr. Laurindo, é viável deduzir que as escolas anteriores procuravam atender às necessidades da população que delas dependia e, de acordo com os governadores, os colégios Agrícolas foram acrescentando demandas e se modificando no decorrer dos anos. Laurindo enfatiza que as políticas de governo motivaram a expansão desse modelo escolar. Segundo ele,

O outro governador resolveu fazer mais colégios em: Guarapuava, Clevelândia, Apucarana... Eu sei que abriram seis colégios nessas cidades que já tinham bastante gente e era cheio de agricultura. Aí passou a ser Escola para Trabalhadores Rurais e não mais era abrigo. Aí a criança era filho de agricultor que morava lá no mato, porque não tinha escola<sup>20</sup>.

Assim, apreende-se que as Escolas de Trabalhadores Rurais começaram a atender, principalmente, aos filhos dos agricultores, mais denominados por colonos, e que era expressivo o número de instituições rurais do Paraná, em pelo menos mais seis municípios do estado, mantendo o mesmo projeto estrutural. Em relação à arquitetura das instituições possuir as mesmas características estruturais e inspiradas no estilo colonial espanhol, seria necessária uma pesquisa mais específica na temática, já que representam grande riqueza arquitetônica e histórica, considerando que ainda permanecem com os mesmos predicados de origem.

No que se refere à proposta pedagógica do colégio, o Sr. Laurindo (2019) traz as suas primeiras memórias em relação ao assunto, recordando de sua atuação como Diretor da Fazenda Escola<sup>21</sup>, setor que ainda toma cuidado, especificamente, da agricultura e de animais. Segundo ele, certa vez procurou alguns documentos antigos, do período em que era aluno, e

---

<sup>20</sup> Entrevista do senhor Laurindo concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 23 de setembro de 2019.

<sup>21</sup> A escola fazenda se refere às atividades da área técnica e só pode assumir a direção quem tem a formação em agronomia ou medicina veterinária. Atualmente, denomina-se Unidade Didática Produtiva (UDP).

lembra que “os nomes eram as professoras que escreviam. Cada uma cuidava e arquivava na secretária. Então, era bem diferente, depois foi evoluindo e foi passando para Secretária de Educação”. Em sua dimensão evolutiva escassa, mesmo que fragilizada por diversos elementos norteadores do processo educacional, Frigotto reforça que:

A desqualificação do trabalho escolar vem travestida, quer da perspectiva de eficiência e produtividade, enfatizada pela teoria do capital humano, com sua correlata perspectiva pedagógica da tecnologia educacional, quer mais sutilmente, por teorias educacionais postas como modernas e inovadoras (FRIGOTTO, 2010, p. 186).

Neste sentido, o autor entende que a improdutividade da escola se torna produtiva ao atender as relações capitalistas, impedindo, assim, o acesso dos dominados ao saber elaborado e historicamente acumulado. Não obstante a essa reação, o Sr. Laurindo descreve que não havia, na Secretaria da Educação, um pessoal especializado na área agrícola, para que pudesse elaborar planejamentos específicos para a área técnica. Era necessária uma reunião de dois colégios Agrícolas e, depois de enumeradas as mudanças, deslocavam-se até Curitiba/PR para aprovação do que havia sido planejado, e de acordo com o declarante, ele participou de quase todas as modificações dos cursos. O entrevistado destaca que ainda não havia envolvimento intenso da Secretária da Educação diretamente com os colégios Agrícolas. Recebiam formação, do pedagógico, dos professores da Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Guarapuava/PR, e afirma que, em sua concepção “foi muito bem feita a nossa formação na área pedagógica” (LAURINDO, 2019).

Do ponto de vista do Sr. Clóvis Manoel Pena, ressalta-se que o colégio Agrícola tinha como objetivo pedagógico formar técnicos aptos “a atuarem na região em uma unidade educacional que lhes desse condição de permanência e com condições de hospedagem e uso de instalações e equipamentos necessários para realização das atividades curriculares”. Em suas breves declarações, subentende-se que havia uma formação direcionada, especificamente, para o mercado de trabalho naquele tempo, e que as instalações da instituição ainda eram precárias, mas que em meio às diversidades estruturais do local e às dificuldades financeiras do colégio, o educandário conseguia cumprir com seu objetivo de escola rural agrícola: formar técnicos agrícolas. Enunciado que vem de encontro às ideias de Frigotto (2010, p. 250), ao afirmar que “a escola também cumpre uma função mediadora no processo de acumulação capitalista, mediante sua ineficiência, sua desqualificação”.

Contudo, fez-se necessária uma análise mais detalhada sobre as alterações na estrutura pedagógica dos cursos, que contou com as contribuições do Sr. Brisch e do Sr. Laurindo. O segundo retrocede no tempo em que muitos documentos (fotos, arquivos, reportagens, entre outros) que contavam a história do colégio Agrícola, foram descartados, indevidamente, em

uma faxina durante o período de férias, bem como planejamentos antigos manuscritos. Fato reafirmado pelo Sr. Brisch (2019), que reforça, através de suas memórias, que “muitos materiais importantes foram rejeitados durante esta limpeza”.

Diante do fato inesperado, os entrevistados se empenharam, juntamente com toda a equipe do colégio, em organizarem do mesmo modo os arquivos e documentos históricos da instituição. Para tanto, contaram com a coparticipação de ex-professores e ex-funcionários, no sentido da aquisição de alguns itens descartados e que foram doados para complementarem o livro intitulado como “Documentos Oficiais Antigos”, no qual constam: Atas de Criação, Alterações de Nomenclatura, Decretos, Resoluções, Pareceres, Histórico do Colégio, dentre outros. São registros do período de 1953 a 1980.

Após o episódio de “depuração” de parte da memória do colégio, percebe-se, durante as entrevistas e no período das visitas ao Agrícola, que o mencionado livro é cuidado como relíquia e está sob a guarda do secretário, Sr. Brisch. O Sr. Laurindo reforçou ao secretário: “cuide desse livro enquanto você estiver vivo, porque senão some e levamos mais de um ano para refazer a história do colégio, com documentos e fotos” (LAURINDO, 2019). Nesse ínterim, apreende-se que, em muitas ocasiões como estas, perdem-se valiosas memórias que preservam as histórias de muitos patrimônios. Neste caso específico, foi possível a recuperação de muitos itens, o que, nem sempre é possível acontecer. A ocasionalidade desse fato sugere a importância de oferecer disciplinas escolares direcionadas para a preservação e a importância do patrimônio histórico, para que as gerações futuras conheçam seus antepassados e os conservem com esmero.

Os entrevistados foram unânimes ao destacarem que o colégio atravessou mais de um período de instabilidade financeira, em decorrência de divergências governamentais, e quase encerrou suas atividades escolares. Esse acontecimento afetou de tal maneira a instituição, que muitos funcionários e professores foram “obrigados” a recorrerem a outras unidades da região para continuarem trabalhando. Ambos os entrevistados afirmaram que uma intensa luta foi travada para que o educandário continuasse funcionando, sem perder as suas particularidades de ensino agrícola.

Entretanto, quando tudo parecia sem solução, em curto tempo surge uma proposta para ofertar o ensino regular e o secretário relata que era “o único jeito da gente não fechar o colégio consistiu em ofertar o ensino regular... mas logo, abriu o técnico em agricultura e que aí deixava a parte da agropecuária separada” (BRISCH, 2019). Na medida em que foi avançando na oferta de modalidades de educação, sua nomenclatura foi se alterando e sendo definida até a que é atualmente. Quando, anteriormente, foi denominado Colégio Estadual

Manoel Moreira Pena, em homenagem ao ilustre membro participante de um fragmento histórico na unidade agrícola, seu filho Sr. Clóvis Manoel Pena<sup>22</sup> explica o motivo do tributo:

Pelo sentimento de gratidão da comunidade na época, que homenageou Manoel Moreira Pena, pelo seu ideal, trabalho incansável e na educação de crianças, filhos de "colonos" da região como se seus filhos fossem em uma época onde não havia estradas, energia elétrica e sequer telefone<sup>23</sup>.

Semelhantemente, o patrono do colégio, com suas benfeitorias em prol dos mais necessitados, beneficiou o Sr. Natanael Duarte da Silva<sup>24</sup>, que chegou à Foz do Iguaçu aos 14 anos de idade e concluída a 4ª série (em 1985). Não tendo onde habitar, soube da existência do educandário, procurou a instituição e aos 27 anos<sup>25</sup> ingressou para estudar como aluno interno. Contudo, neste período, para ser interno era preciso pagar 40% do salário mínimo para custear a alimentação, e pontua que

De Curitiba vinha só o arroz e o feijão. Muito ruim e duro. De péssima qualidade. No colégio tinha muita galinha e suínos. A gente comia muito ovo. O resto a gente plantava, cuidava e colhia. Tinha leite também. Na época, a ordenha era balde ao pé e com as mãos para tirar o leite. Só depois dos anos 1990, que o colégio conseguiu a ordenha mecânica. Como eu não tinha como pagar para morar, eu pedi que ajudava em tudo no colégio em troca de morar e estudar. E foi assim que consegui terminar o curso de técnico agrícola, porque sempre gostei de estudar e de mexer com a terra porque sempre morei na roça. A única coisa que nunca gostei de mexer aqui é com maquinário e nem na agroindústria. Isso eu nunca gostei<sup>26</sup>.

Sob o mesmo ponto de vista dos declarantes anteriores, o Sr. Natanael descreveu, em poucas palavras, mais uma crise financeira atravessada pelo colégio e, segundo o mesmo, uma das alternativas encontrada, naquela época, foi arrendar as terras produtivas existentes e disponíveis para plantio de soja e milho no espaço escolar. O que era destinado à instituição, usava-se para consumo, e o que restava, era vendido como um meio de melhorar a renda do lugar. E prossegue dizendo que:

No colégio nós fazia de tudo mesmo: os animais, limpava o colégio, plantava, roçava, cuidava, colhia...porque só tinha 3 funcionários para fazer isso e não dava conta. Então, era nós que tinha que fazer. Todo dia nós tinha aula no campo. De tudo. E também, os fazendeiros da região vinha buscar nós aqui no colégio pra plantar ou pra colher nas terras deles. Chegavam aqui e diziam: eu tenho uma roça de milho pra colher, me empresta os alunos e dou metade da colheita pro colégio e assim ia entrando dinheiro aqui pra não fechar a escola. Fomos muitas vezes fazer isso. Naquela época (88/89) nós pegava no pesado. Não é que nem hoje que os alunos não querem nada com nada porque eles têm tudo nas mãos. Era os alunos que

<sup>22</sup> Também seguiu a carreira do pai dentro da instituição: aluno, professor e diretor.

<sup>23</sup> Entrevista do senhor Clóvis concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 28 de setembro de 2019

<sup>24</sup> Entrevista do senhor Natanael concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 02 de outubro de 2019.

<sup>25</sup> Nos dias atuais não ingressaria na unidade com essa idade.

<sup>26</sup> Entrevista do senhor Natanael concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 02 de outubro de 2019.

Diante do que foi explicitado, é possível perceber que o Sr. Natanael tinha certeza de que era a formação agrícola que queria, pois estudou pedagogia, mas ao não ser aprovado no concurso, resolveu investir na área agrícola, fazendo pós-graduação em Educação Ambiental e em Educação do Campo (UFPR), e, dessa forma, prefere continuar no campo, com a parte prática, que o realiza com muito esmero, prestando concurso em 2005, no qual foi aprovado em 1º lugar. Na ocasião, o Sr. Mário Laurindo era diretor da fazenda-escola e o convidou a retornar para assumir uma função no colégio, porém, não era para atuar nas atividades de campo, mas como inspetor de alunos, função na qual permaneceu por quase 3 anos e relata sua experiência:

Os alojamentos eram na parte onde é a biblioteca hoje. Tudo aberto e os alunos fugiam pelas janelas e eu tinha que correr atrás deles e trazer de volta. Tinha uns 80/90 internos brasileiros. E só eu pra cuidar a noite toda. Ainda não tinha os do Paraguai. Só depois que o Governo fez os alojamentos, lá embaixo, é que começou a vim interno do Paraguai pra cá<sup>28</sup>.

Por mais que tentasse experimentar outras funções<sup>29</sup>, o Sr. Natanael reafirma que se realiza no campo, pois, ao perceber sua infelicidade desempenhando uma atividade que não se identificava, no caso a de inspetor, solicitou sua volta para a horta do colégio, local em que permanece até os dias atuais, dando suporte aos professores nas aulas práticas e orientando os alunos nas atividades que precisam realizar. Além dele, há mais um funcionário que o ajuda, e outra que é responsável pela venda dos produtos produzidos pela Cooperativa-Escola: verduras, legumes, queijo, doce de leite, ovos caipira, salame e linguiça de suínos.

Assim, finaliza-se a singela “amostra” com propósito de retomar as memórias do Agrícola, uma vez que, como já comprovado, são de valor histórico imensurável e em um único trabalho, ou em diversos, talvez, não seja possível conseguir dar conta de toda sua história. Afinal, são cerca de 60 anos de história, nos quais incluem alunos, professores, diretores, funcionários e familiares. Muitos destes alunos assumiram funções importantes na comunidade, na cidade e na região, tudo isso graças ao esforço incansável daqueles que os precederam e dos que continuam batalhando para que a escola-fazenda continue atuante na região.

#### **4. Considerações finais**

<sup>27</sup> Entrevista do senhor Natanael concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 02 de outubro de 2019.

<sup>28</sup> Entrevista do senhor Natanael concedida a Kelly Gracieli de Oliveira Winkert, em 02 de outubro de 2019.

<sup>29</sup> Antes de passar no concurso e assumir, tinha vínculo contratual com o Estado. Neste período, gravava fitas cassetes, catalogava e editava para o NRE para uso dos colégios da cidade (no ano de 2000).

Permitindo-se analisar e reconstituir as memórias do colégio Agrícola, partindo das recordações daqueles que fizeram e fazem parte da história da instituição, foi possível observar o encontro das narrativas, que emergiram de diferentes formas, apresentando uma riqueza de recordações existentes nas memórias de cada um dos entrevistados. Debruçar-se sob fatos recolhidos na memória daquilo que ainda não foi escrito, que ainda não foi visto ou relatado como os próprios atores da história o vivenciaram, é um exercício difícil e demanda uma grande sensibilidade em compreender e interpretar o que foi dito através das entrevistas, considerando que, geralmente, são carregadas de emoções e de detalhes que precisam partir de questões realizadas no presente para recordar o que aconteceu no passado.

Portanto, reconstituir as memórias de um espaço escolar é se remeter a um recinto de coletividade que, como num quebra-cabeça, evidencia-se a dialética da história, pois concatena lembrança/esquecimento e a função de *re-visitatar, re-construir e representar* o passado. Desta forma, através das memórias dos entrevistados, foi possível criar uma ordem cronológica dos fatos vividos, pois, com aproximadamente 70 anos de memórias e de história, o colégio Agrícola representa um ambiente de grande memória, por onde cruzaram muitas famílias, alunos, professores, e funcionários, que carregam em si uma recordação *sui generis, que serviu para reforçar* este trabalho de reconstituição da história, que nunca será completo, isto é, algumas lacunas sempre restarão abertas para que novas memórias sejam acrescidas às já descritas.

### Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral* / Verena Alberti. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANTUNES, C. *A educação em Mészáros: trabalho, alienação e emancipação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 03 Nov. 2019.

CABANHA, Samuel. *Memórias que narram à cidade: a trajetória de dois imigrantes portugueses em Foz do Iguaçu*. Dissertação de (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2017.

\_\_\_\_\_. *O encontro entre história e memória: a materialização na forma de um memorial*. Fronteiras: Revista de História. Dourados, MS. v. 21, n°. 37. p. 173-192. Jan./ Jun. 2019. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/>>. Acesso em: 15 Fev. 2020.

EMER, IVO OSS. *Desenvolvimento histórico do Oeste do Paraná e a construção da escola*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Avançados em Educação. Fundação Getúlio Vargas, 1991.

FERNANDES, Synésio Scofano. *A verdade e a história*. Ver. DaCultura, ano XI/n° 21, 2013, 9-12p. Disponível em: [http://www.funceb.org.br/images/revista/24\\_3e0h.pdf](http://www.funceb.org.br/images/revista/24_3e0h.pdf) - Acesso em: 14. Dez. 2020.

FRIGOTTO, G. *A Produtividade da Escola Improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. – Acesso em: 14 Fev. 2020.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 7ª Ed. Revista - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). *Capitalismo, Trabalho e Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

MARTINIAK, V. L. *A institucionalização dos Colégios Agrícolas no Paraná*. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: 14. Fev. 2020.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006b.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: <<http://www.unesco.org/>>. Acesso em: 17 Fev. 2020.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO: *Fundação cultural recebe pedido de tombamento do Colégio Bartolomeu Mitre*. Foz do Iguaçu, 20 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<https://www.primeiralinha.com.br/>>. Acesso em 03 Nov. 2019.

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. *Coletânea do Município. História e Geografia* – 2015. Foz do Iguaçu, 2015.

\_\_\_\_\_. *Coletânea do Município. História e Geografia* – 2016. Foz do Iguaçu, 2016.

\_\_\_\_\_. *História da cidade*. Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1007>>. Acesso em 13 Set. 2019.

\_\_\_\_\_. *Suplemento do Município. História e Geografia*. 2004. Foz do Iguaçu.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). *Colégio Estadual Bartolomeu Mitre*: Foz do Iguaçu, 2006.

\_\_\_\_\_. *Centro Estadual de Educação Profissional Manoel Moreira Pena – Colégio Agrícola*: Foz do Iguaçu, 2015.

\_\_\_\_\_. *Colégio Estadual Monsenhor Guilherme*: Foz do Iguaçu, 2010.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. *História da Criação do Colégio Bartolomeu Mitre, o primeiro Grupo Escolar do Oeste do Paraná*. Monografia. (Monografia de Especialização em

História da Educação Brasileira). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONET, Ivo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

VARGAS, Ana C. Lourenço. *A face dependente do capitalismo brasileiro e a política de formação para a classe trabalhadora*. Anais do II Colóquio Nacional - A Produção do Conhecimento em Educação Profissional. Natal: IFRN, 2013. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/portal/wp-content/uploads/2012/coloquio/anais/eixo1/AnaCristinaLourenaVargas.pdf> - Acesso em: 05. Mai. 2020.

WEBBER, Darcilio Artur. *Foz do Iguaçu em números: o mais completo banco de dados estatísticos sobre o município de Foz do Iguaçu: Coletânea de dados*. Foz do Iguaçu: Grupo Camaleão, 2003.

## *Colegio Agrícola de Foz de Iguazú: recuerdos y narrativas de algunos agricolidos*

### Resumén

El texto hace un breve análisis e introduce la discusión sobre el papel del Estado en la dirección y tendencias de la educación desde la implantación del Colegio Agrícola de Foz do Iguazú, en los años 1950. El objetivo principal del texto es explorar dos aspectos, a saber: uno que explora las narrativas y recuerdos de algunos "agricolidos", teniendo en cuenta que, en el centro escolar, se almacena una gran parte de la historia social y colectiva, y; otro que explora la historia de este entorno educativo, destacando la influencia del Estado de Paraná en la región a través de la organización del sistema educativo en forma de educación técnica agrícola que, en parte, refleja la relación entre las demandas económicas del capital y cómo las instituciones escolares correspondió a este contexto. La metodología siguió los supuestos teórico-metodológicos de la Historia Oral (HO) con el análisis de las narrativas como núcleo. Se utilizaron debates sobre conceptos relacionados con la memoria, la identidad y la relación escuela-trabajo inherente al desarrollo del modo de producción capitalista, además de analizar documentos y narrativas oficiales. Por lo tanto, a través de una interpretación particular, este artículo busca contribuir a aquellos que están interesados en el conocimiento histórico, así como servir como base para futuras investigaciones.

Palabras clave: Colegio Agrícola; Memorias; Narrativas.

## *Collège agricole de Foz do Iguazú: souvenirs et récits de certains agricolidos*

### Résumé

Le texte fait une brève analyse et introduit la discussion sur le rôle de l'État dans la direction et les tendances de l'éducation depuis l'implantation du Collège Agricole de Foz do Iguazú, dans la décennie de 1950. L'objectif central du texte est d'explorer deux aspects, à savoir: celui qui explore les récits et les souvenirs de certains «agricolidos», en gardant à l'esprit que, dans le centre scolaire, une grande partie de l'histoire sociale et collective est stockée, et; un autre qui explore l'histoire de cet environnement éducatif, mettant en évidence l'influence de l'État du Paraná dans la région, à travers l'organisation du système éducatif sous la forme d'un enseignement technique agricole qui, en partie, reflète la relation entre les demandes économiques du capital et comment les établissements scolaires ont correspondu à ce contexte. La méthodologie a suivi les hypothèses théorique-méthodologiques de l'histoire orale (HO), ayant l'analyse narrative comme noyau. Des discussions impliquant des concepts liés à la mémoire, à l'identité et à la relation école-travail inhérente au développement du mode de production capitaliste ont été utilisées, en plus de l'analyse des documents officiels et des récits. Ainsi, à travers une interprétation particulière, cet article cherche à contribuer à ceux qui s'intéressent à la connaissance historique, ainsi qu'à servir de base à de futures recherches.

Mots-clés: Collège d'agriculture; Mémoires; Des récits.

## *Agricultural College of Foz do Iguazú: memories and narratives of some agricolidos*

### Abstract

The text makes a brief analysis and introduces the discussion on the role of the State in the direction and trends of education from the implantation of the Agricultural College of Foz do Iguazú, in the 1950's. The main objective of the text is to explore two aspects, namely: one that explores the narratives and memories of some "agricolidos", bearing in mind that, in the school center, a large part of social and collective history is stored, and; another that explores the history of this educational environment, highlighting the influence of the State of Paraná in the region through the organization of the educational system in the form of agricultural technical

education that, in part, reflects the relationship between the economic demands of capital and how the School Institutions corresponded to this context. The methodology followed the theoretical-methodological assumptions of Oral History (HO) with the analysis of narratives as its core. Discussions involving concepts related to memory, identity and the school-work relationship inherent to the development of the capitalist mode of production were used, in addition to analyzing official documents and narratives. Thus, through a particular interpretation, this article seeks to contribute to those who are interested in historical knowledge, as well as serving as a basis for future research.

Keywords: Agricultural College; Memories; Narratives.